

Comunicação ao 11.º Encontro Nacional da APDR – Setembro de 2005

Contributos para encontrar a Cidade da *Sociedade de Informação*

Luís Alberto Torres Sanchez Marques de Carvalho

LISBOA 2005

Resumo:

Tendo em conta que o fim do século XX e início deste século assiste à **emergência da sociedade de informação marcada pelo triunfo urbano** sublinhado pela *metapolização* global importa desde logo colocar uma dúvida de partida:

- se esse *triunfo* acarreta o *fim da história* com o conseqüente *fim da cidade* (em simultâneo com o *fim do estado*) ou, se esse *triunfo*, significa, tão só, a incapacidade de se pensar, delimitar, planejar e governar a *cidade* determinando a emergência de um novo produto espacial: a **cidade da 3.ª era, a Inforpolis**;

Para contribuir para a resolução dessa dúvida procura-se determinar:

- 1.º) quais as características desse novo produto espacial - a *Inforpolis*;
- 2.º) qual a capacidade de conceber, delimitar, planejar e governar esse novo produto espacial.

Procura essa sempre marcada pela **(in)capacidade de saber se esse produto** (face aos extraordinários fenómenos que sublinham a emergência de um novo paradigma civilizacional) **pode ser ainda pensado, governado, limitado e planeado como se de uma forma urbana se tratasse.**

Luís Sanchez Carvalho

Assistente Convidado da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
Rua Professor João Barreira, nº 6, 2º Dtº - 1600-636 Lisboa • 217573009 914219069
lsc@fa.utl.pt • luissanchezcarvalho@yahoo.com

Índice Geral:

Preâmbulo: o facto e a dúvida

A (tentativa de) resolução

1.ª Linha de Resolução: o que é ?

Parte 1: A emergência da *sociedade de informação*, a Passagem da *Sociedade Industrial* para a *Sociedade de Informação* no contexto da actual representação de poder

Parte 2: A emergência da *Inforpolis*

- O *triumfo urbano* no tempo em que as *ciudades* morrem – ou a *cidade sobrevivente*, a *cidade da 3.ª era* – a *Inforpolis*.

- A *Cidade* da complexa simultaneidade

2.ª Linha de Resolução: como é ? onde é ? quem é ?

Parte 3: Conceber, delimitar, planear e governar a *Inforpolis*

Síntese e Conclusão (?)

Bibliografia:

Índice de Quadros

Preâmbulo: O FACTO E A DÚVIDA

Considerando que gigantescos organismos urbanos, indetermináveis e indefiníveis, se constituem como o novo produto espacial de referência que emerge da sociedade do fim do século XX¹ - a *sociedade de informação*² - torna-se decisivo perceber a essência e o carácter desta indeterminável e indefinível *Cidade*, a sua *fronteira*, os seus instrumentos de *planeamento* e o seu *governo*.³

Assim, e tendo em conta que esta sociedade de informação é fortemente marcada pelo *triumfo urbano* - sublinhado pela *metapolização* global a nível social e a nível territorial - importa desde logo colocar uma dúvida de partida:⁴

- se esse *triumfo* acarreta o *fim da história* com o conseqüente *fim da cidade* em simultâneo com o *fim do estado*, ou⁵
- se esse *triumfo* significa, não esse *triplo-fim* mas, tão só, a incapacidade de, perante as grandes transformações em curso, se pensar, delimitar, planear e governar a *cidade* determinando essa incapacidade, a emergência de um novo produto espacial: a *cidade da 3.ª era*, a *Inforpolis*;

Dúvida de Partida: quais as conseqüências do *triumfo urbano* ?

¹ De notar que o âmbito civilizacional do presente trabalho se circunscreve à civilização geograficamente referenciada como *ocidental* e culturalmente marcada pela matriz judaico-cristã .

² Esta enunciação da *sociedade de informação* deriva do facto de a própria informação se ter transformado num bem de consumo pelo que aquilo que caracteriza tecnologicamente esta *sociedade de informação* é o domínio do saber e já não só o domínio da informação.

³ O termo *Cidade* é aqui introduzido identificando-se como organismo urbano relevante para a matéria em estudo (balizado o seu âmbito geográfico na nota 1) qualquer que seja a sua dimensão geográfica e populacional e a sua trajectória histórica.

⁴ *Metapolis*: organismo urbano que traduz a urbanização generalizada do território em oposição ao mundo rural profundo.

⁵ A noção de “fim da história” foi originariamente utilizada por Cournot em 1861 para se referir ao aperfeiçoamento da sociedade civil *haussmaniana* e recuperada na segunda metade do século XX. Essa referência ao “fim da história” é associada ao denominado “fim dos tempos” que advém da emergência e posterior supremacia de uma denominada “etapa quaternária”, na qual todas as sociedades do planeta tenderam a convergir para a dominância do binómio democracia/capitalismo e para um patamar de desenvolvimento similar por via da difusão generalizada da informação e do conhecimento. No entanto, as teorias pós-modernas afastam a existência de um destino histórico e defendem que a sociedade se afasta da modernidade ao abandonar a noção (positivista e modernista) de desenvolvimento (Fortuna, 1997).

Assuma-se, para efeitos de desenvolvimento científico (mas, confesse-se, por atitude de conformismo intelectual que vem da não aceitação cultural da morte da cidade), que se procura resolver a dúvida de partida pela verificação da 2.ª possibilidade: está em emergência uma nova cidade, a *Inforpolis*.⁶

Hipótese a verificar: a emergência da *Inforpolis*

Para contribuir para a resolução dessa dúvida deverá procurar-se determinar:

- 1.º) quais as **características** desse novo produto espacial - a *Inforpolis* (que corresponderá a uma primeira linha de resolução);
- 2.º) qual a capacidade de **conceber, delimitar, planear e governar** esse novo produto espacial (que corresponderá a uma segunda linha de resolução).

Linhas de Resolução da dúvida de partida



Se a *Inforpolis* se compreende à luz da novidade da sociedade que a gera importa, em primeiro lugar, descortinar **o que marca essa sociedade e essa cidade** de uma *nova era*.

1.ª Linha de Resolução: como é a sociedade de Informação e a sua cidade

Ou seja, para se encontrarem contributos para entender o que será (o que é) a *Cidade da sociedade de informação* devem ser ponderadas as **indeterminações** que se suscitam em torno de quatro conceitos **decisivos** para encontrar essa *Cidade*:

+

2.ª Linha de Resolução: perceber as indeterminações e oscilações da concepção, do limite, do plano e do governo

- o conceito urbanístico - a própria ideia de **Cidade**: o que é a Cidade/*Inforpolis* ?;
- o conceito operacional - a ideia de **Frenteira** da Cidade: onde é a Cidade/*Inforpolis* ?;
- o conceito instrumental - a ideia de **Plano** da Cidade: como se faz a Cidade/*Inforpolis*?⁷;
- o conceito político - a ideia de (melhor) **Governo** da Cidade: quem governa a Cidade/*Inforpolis* e em que sistema?;

⁶ *Inforpolis*: termo identificador do produto espacial característico da sociedade de informação.

⁷ Aliado a duas questões instrumentais decorrentes: quando é ? e quanto é ?

A (TENTATIVA DE) RESOLUÇÃO DA DÚVIDA

1.ª Linha de Resolução: o que é?

1ª parte: A emergência da *sociedade de informação*, a Passagem da *Sociedade Industrial* para a *Sociedade de Informação* no contexto da actual representação de poder

As relações de poder na sociedade industrial assentaram (assentam?) nas estreitas ligações estabelecidas no seio de um triângulo formado por um território, uma população e uma hierarquia.⁸ No centro desse triângulo encontra-se o *Estado* (ou os seus representantes - o *Príncipe*, o *Senado*, o *Comité Central do Partido*...) que beneficia pelo facto de ser a única entidade capaz de unir os três vértices do triângulo, advindo muita dessa capacidade pelo facto de deter uma dupla exclusividade (que exerce nos seus domínios através de uma determinada hierarquia): a da aplicação inimitável da violência e a da utilização em proveito próprio do território e dos seus recursos.

A alteração substancial reside no facto de na *sociedade de informação* o triângulo do poder deixar de ter nos seus vértices - *território, população e hierarquia* - para passar a ter - *mercado, consumidores/eleitores e regras de competição*. Vértices esses que gravitam, todavia - e tal como na sociedade industrial - em torno de um registo de sobreposição e/ou compatibilidade entre o *estado*, a *família*, o *capitalismo* e a *democracia*.⁹

Os vértices da
*Sociedade de
informação:*
mercado,
consumidores,
competição

Esta nova noção de estrutura de poder acaba por resultar numa outra noção que transforma profundamente as relações de toda a sociedade e

⁸ Galbraith, 1987.

⁹ Note-se, no entanto, que o abandono das fases industriais da sociedade e a assunção da passagem a uma sociedade assente numa base pós-industrial é considerada, por muitos autores, como prematura. (entre os mais destacados: Scott, Benko, Liepitz, Amin e Robins). Essa referência ao carácter prematuro do anúncio e difusão da passagem para uma nova fase inerente à resolução da crise *fordista* do fim dos anos 60/princípio dos anos 70 do século XX assenta na noção de que a sociedade actual se sustenta ainda na forma de produção *fordista* de acumulação.

que passa pelo aprofundamento de uma nova *economia global, desmaterializada e desterritorializada*,¹⁰ e que corresponde à emergência da denominada *4ª Revolução*, associada à passagem para a fase quaternária da sociedade, passagem essa que se traduz na difusão do respectivo termo identificativo: *Devolution*.¹¹

Intrinsecamente ligada à emergência dessa *4.ª revolução* regista-se uma aparente disseminação do poder que se alimenta do (tantas vezes) anunciado fim do estado-nação. Essa (aparente) disseminação deriva, basicamente, do contínuo aumento de prosperidade e de rendimento *per capita* dos cidadãos - trabalhadores/consumidores - dos países do mundo ocidental.¹² Apesar da mediatizada aparência de propagandeadas sucessivas crises económicas após 1973, essa prosperidade não tem parado de crescer pelo que esses cidadãos ficam menos sujeitos a qualquer tipo de autoridade e/ou de poder político, nomeadamente à autoridade do estado. Ficam, no entanto, mais dependentes do funcionamento do mercado e de instituições gregárias locais/transnacionais e corporativas.

¹⁰ Se a dimensão global é uma evidência consensual, a dimensão da desmaterialização pode ser ilustrada pelo facto de só uma ínfima parte das transacções financeiras realizadas diariamente corresponderem a troca de bens e serviços materiais. Finalmente, a propalada desterritorialização, que compõe o último tripé desta espécie de *triologia blade-runneriana* de uma *nova ordem económica* vagueia entre a popularmente denominada deslocalização empresarial e a anunciada virtualização e homogeneização do significado cultural do território passando pela avassaladora capacidade de comunicação em tempo real.

¹¹ Sendo que: 1.ª revolução, agrícola; 2.ª revolução, industrial; 3.ª revolução, serviços&nuclear. O termo *devolution* foi enunciado por Nijkamp em 1992 para se referir à tendência de evolução da organização do território europeu sob o signo da emergência dos Estados Unidos da Europa com o pressuposto da diluição do *estado-nação* e a ascensão simultânea das estruturas de poder locais e transnacionais. Sublinhando-se daí a afirmação de estruturas de poder em rede e a difusão generalizada da informação com a consequente ultra-dispersão do conhecimento. Ou seja do poder pelos cidadãos. Como se poderá perceber pelo simples registo da história ultra-contemporânea estas tendências não se têm vindo a confirmar na sua plenitude.

¹² Mesmo não esquecendo que, na União Europeia, o aumento do PIB, após 2001, tem sido muito pouco expressivo.

Assim sendo, não parece pois crível que uma instituição - O *estado-nação* - cuja autoridade, e mesmo existência, se questiona venha a ter capacidade de vir a regular ou condicionar o futuro do sistema de poder e conseqüentemente proceder ao ordenamento do território e do planeamento territorial.¹³

¹³ Nesse sentido referir-se, a título de exemplo, que as competências/legitimidades nas matérias de ordenamento do território, no seio da União Europeia, parecem estar desfasadas desta tendência.

2.ª Parte : A emergência da *Inforpolis*,

O triunfo urbano no tempo em que as cidades morrem – ou a cidade sobrevivente: a cidade da 3.ª era / a *Inforpolis*.¹⁴

Acompanhando as extraordinárias alterações de padrão civilizacional, sinteticamente referenciadas no ponto anterior, nos últimos trinta/quarenta anos o desbordamento das *cidades* dos seus “leitos” tornou-se um fenómeno generalizado e aparentemente incontrolável.¹⁵ As implicações desses desbordamentos parecem tão imprevisíveis como improvável a reposição das *cidades* nos seus “leitos naturais” definidos pela induzida perenidade da cidade burguesa-industrial *haussmaniana* cujo modelo, vindo de meados do século XIX, foi assumido, mesmo após a segunda guerra mundial, como produto espacial e social pelo sistema *fordista*.¹⁶

Seguramente que a *Cidade*, como produto espacial e social civilizacional, não é um facto novo. A novidade – na *sociedade de informação* - advém, não da criação do facto como forma polarizadora, mas sim da brutal e generalizada concentração da população e das actividades humanas nas *cidades*.

A não-
alternativa ou
a exclusiva
dominância
da civilização
urbana

¹⁴ Reitere-se a circunscrição do âmbito deste estudo à matriz civilizacional do denominado *Ocidente*. Nesse sentido, não serão aqui referenciados os excepcionais fenómenos que imperam sobre os sistemas urbanos da Ásia, da América Latina ou de África.

¹⁵ Apesar destas propaladas “...*extraordinárias alterações*...”, como se tivéssemos na presença de um novo homem - o *homo urbanus* – e precisamente por essa propagação, sublinhe-se a clarividência de Françoise Choay quando, a propósito de todas estas alterações, observa – lembrando o que de mais sublime tem a condição humana, que “...*o importante é o corpo e a palavra*...” (2005, Lisboa, Conferência na Faculdade de Arquitectura da UTL; tradução livre do autor)

¹⁶ A referência à perenidade da cidade *haussmaniana* advém da constatação de que o modelo daquela cidade - que impõe uma hierarquia viária, uma conjugação de traçados lineares (ortogonais, radiais e diagonais) e que assenta no controlo sobre o colectivo e na dupla vertente da consolidação das infra-estruturas e da segurança pública - assumiu-se, com óbvias actualizações históricas, cambiantes regionais e diferenciações estilísticas, como o modelo urbanístico de aplicação mais comum nas cidades ocidentais, incluindo os E.U.A., mesmo após a segunda guerra mundial.

Em termos globais, podem identificar-se dois processos demográficos e territoriais inerentes aos novos desenvolvimentos do processo de urbanização/metropolização:

- O aumento significativo do número de grandes *ciudades*;
- A transformação das *ciudades* em organismos urbanos excepcionalmente gigantescos.

Quadro Ia: Tendências Demográficas

| Unidade Territorial | População Urbana (em % do total) *1 | | |
|---------------------|-------------------------------------|-------------|-------------|
| | 1975 | 2002 *2 | 2015 *2 |
| Portugal | 27,7 | 54,1 | 60,9 |
| OCDE | 67,3 | 75,7 | 79,0 |
| Mundo | 31,1 | 37,2 | 47,8 |

*1: dados são baseados em definições nacionais

*2: dados refere-se a variações de projecções médias

Fonte: "Relatório do Desenvolvimento Humano 2004"
PNUD, Nações Unidas

Quadro Ib: Cidades no Tempo

| Cidade (só Europa, Japão e América do Norte) | População (em milhões de habitantes) | | |
|--|--------------------------------------|---------|-----------------------|
| | em 1900 | em 1996 | em 2015 (previsão) |
| Londres | *1 6,5 | 7,3 | 7,3 |
| Nova Iorque | *1 4,2 | 16,4 | 17,6 |
| Paris | *1 3,3 | 9,6 | 9,7 |
| Berlim | *1 2,7 | 3,3 | 3,3 |
| Chicago | *1 1,7 | 6,8 | 7,5 |
| Viena | *1 1,7 | 2,0 | 2,2 |
| Tokyo | *1 1,5 | 27,2 | 28,9 |
| Los Angeles | nd | 12,6 | 14,2 |
| Instambul | 0,6 *3 | 8,2 | 12,3 |
| Moscovo | nd | 9,3 | 9,3 |

| Cidade (resto do mundo) | População (em milhões de habitantes) | | |
|----------------------------|--------------------------------------|---------|-----------------------|
| | em 1900 | em 1996 | em 2015 (previsão) |
| Bombaim | *2 nd | 15,7 | 26,2 |
| Lagos | *2 nd | 10,9 | 24,6 |
| São Paulo | *2 nd | 16,8 | 20,3 |
| Dhaka | *2 nd | 9,0 | 19,5 |
| Karachi | *2 nd | 10,1 | 19,4 |
| Mexico | *2 nd | 16,9 | 19,2 |
| Shangai | *2 nd | 13,7 | 18,0 |
| Calcutta | *2 nd | 12,1 | 17,3 |
| Delhi | *2 nd | 10,3 | 16,9 |
| Beijing | *2 1,1 *3 | 11,4 | 15,6 |

*1: entre as 10 maiores cidades em 1900

*2: entre as 15 maiores cidades em 2015

*3: em 1800

Fonte: "UNPD, 1997"

Quadro Ic: Rendimentos Comparados

Rendimentos (no ano 2000)

(arredondado - em milhares de milhões de dólares)

| | | | | | |
|-----------------------------|--------------------|--------------|--------------|------------------|---------------|
| Aglomeracões Urbanas | Tóquio | 1.430 | 1.420 | França | Países |
| | Nova Iorque | 820 | 950 | China | |
| | Osaca | 620 | 610 | Brasil | |
| | Los Angeles | 435 | 420 | India | |
| | Paris | 405 | 395 | Mexico | |
| | Chicago | 290 | 295 | Argentina | |
| | Londres | 225 | 225 | Suécia | |
| | Washington | 215 | 205 | Áustria | |
| | Seul | 195 | 200 | Turquia | |
| | Hamburgo | 105 | 105 | Venezuela | |

Fontes: CNRS - Universidade de Montpellier III (2001)

Banco Mundial (2001)

Moriconi-Erbrad (2000)

Os dados apresentados nos três quadros anteriores servem para apresentar duas notas que devem pontuar este texto:

1.º) a proliferação informativa/estatística é, na actualidade, absolutamente esmagadora, pelo que qualquer registo informativo/estatístico pode ser sistemática e reactivamente aferido e/ou dilacerado por outros registos tangentes e/ou secantes em relação aos apresentados num dado momento;

2.º) os dados em concreto agora apresentados registam uma aparente contradição com o discurso já aqui apresentado dos “organismos urbanos indetermináveis e indefiníveis”. Ou seja, na última década e na próxima década, as *grandes cidades ocidentais* não crescem assim tanto (ou estagnam mesmo) em termos populacionais em contraste com a impressionante cavalgada do triunfo urbano nos países em vias de desenvolvimento. Estes registos estatísticos foram colocado intencionalmente neste contexto precisamente para sublinhar que nessa “indeterminação e indefinição” a dimensão populacional (ainda assim um registo importante) já não é, provavelmente a dimensão mais certa para mensurar as transformações do sistema urbano (ou será que a questão é que o *sistema* já não é urbano ?)

Importa referir que o fenómeno da *metropolização*, se diferencia do fenómeno de urbanização por implicar transformações profundas no território que correspondem:

**Urbanização
versus
Metropolização**

- a uma significativa expansão horizontal dos organismos urbanos;
- a uma significativa mobilidade de populações e;
- ao estabelecimento de relações complexas e solidárias entre diversos centros urbanos no seio de uma mesma unidade territorial.

Mas, tal como no fenómeno de urbanização, na *metropolização* não é o facto em si - neste caso a *Metrópole* - que constitui a novidade. A novidade advém, sim, da brutal transformação global (espacial, económica, cultural, política e social) de todo o território derivada dessa tendência global de concentração, transformação essa sintetizada na assunção da *Metapolização* global do território.

As grandes mutações demográficas, sócio-económicas e culturais, e consequentemente urbanas, dessas *Metrópoles/Megapolises do mundo ocidental* tendem a advir, genérica e sinteticamente, de três vectores:

- de **reestruturações no seio do sistema urbano**, a dois níveis distintos - intra-urbano e inter-urbano - com impacte substancial, entre outros aspectos, na distribuição espacial da prosperidade económica;¹⁷
- do, aparentemente imparável, (e provavelmente incontrolável) reforço de vastas **correntes migratórias** com destino às *Metrópoles* da União Europeia e dos E.U.A. vindas especialmente do *Sul* mas também da Europa de Leste;
- das imprevisíveis alterações nos padrões civilizacionais ocidentais por via da **escassez de recursos naturais face ao excesso de recursos humanos**.

1.ª Questão-Chave: as grandes mudanças megapolitanas

Reestruturação do sistema urbano

+

Correntes migratórias sul-norte

+

Linhas divergentes dos recursos

¹⁷ A referência à “prosperidade económica” constitui-se como expressão de síntese de diversas componentes urbanas e sociais.

Quadro II: Projecções mundiais para o ano 2040

| Crescimento do PIB mundial (em biliões de dólares) | Crescimento da População mundial (em biliões de pessoas) | Crescimento do rendimento <i>per capita</i> (índice 100 em 1940) |
|---|---|---|
| em 1940 3,0 | em 1940 2,5 | em 1940 100 |
| em 1990 22,0 | em 1990 5,5 | em 1990 360 |
| em 2040 88,0 | em 2040 11,0 | em 2040 720 |

Fonte: "Relatório do Desenvolvimento Humano 1994"
PNUD, Nações Unidas

No *mundo ocidental* o processo de transferência e virtualização das rupturas ambientais ilustradas no quadro anterior reside numa convicção que deriva: da subsistência (ainda?!) da noção da culpabilidade apriorística da *cidade* no processo de degradação ambiental. Essa convicção assenta:¹⁸

- Na desculpabilização e redenção ecológico-social através da associação entre a urbanização/construção e o empreendimento de acções que minimizem ou erradiquem os eventuais efeitos ambientais nefastos dessa e de outras actividades antrópicas;
- Na luta contra a *megapolização* do sistema urbano. Dessa opção advém a noção da (in)sustentabilidade ecológica das grandes concentrações urbanas como se estivesse provado que a simples dispersão, mais ou menos igualitária, da urbanização pudesse conduzir, por si só, ou como factor de auxílio, para uma diminuição dos factores de instabilidade e eminente ruptura ambiental.¹⁹

¹⁸ Os cidadãos *ocidentais* sentem-se assim protegidos por redentoras consciencializações ambientais inseridas em movimentos inundados de nostalgia ambientalista-naturalista. Movimentos esses absorvidos pela própria lógica democrático-capitalista através: i) do chapéu de chuva da representatividade eleitoral; ii) da criação e agressivo desenvolvimento do “mercado verde” que tende a transformar essa (bem-intencionada) nostalgia (de algo que provavelmente nunca terá existido) num mero instrumento de aumento da produção de bens e serviços e de geração de mais-valias económicas e/ou políticas.

Tendo em conta as evidências assinaladas, assiste-se, no fim de século XX e no início do século XXI ao paradoxo que advém do renascimento indiscutível do tema da *cidade* e das questões urbanas ao mesmo tempo que se anuncia repetidamente a morte e/ou a culpa dessa mesma cidade.²⁰

No cerne deste paradoxo deve-se ter a noção de que, com o advento da sociedade pós-industrial, uma nova forma urbana emerge, uma «*cidade da terceira era*», produto da ruptura simultânea com a cidade pré-industrial da primeira era e da cidade industrial da segunda era.²¹

A **cidade da «primeira era»** que atravessou séculos, embora de formas diversas, apresenta uma excepcional constância derivado de um esquema único e de ordenação simples: a rua.

A **cidade da «segunda era»** corresponde a uma reversão do conceito espacial onde os edifícios se modelam pelas máquinas aspirando a uma descolagem do sítio, tentando ser o mais universais possível em busca de uma tentativa de domínio espacial que se apresentava como o destino da civilização ocidental.

A **cidade de «terceira era»** existe na coincidência temporal e espacial de um triplo processo que incorpora, um duplo movimento espacial e/ou social contraditório:

- o processo de *dispersão/disseminação* e o processo de *concentração*, resultando, essa simultaneidade de processos contraditórios, num fenómeno de **Dispercentração** espacial, política e social da *cidade*, e que a marca como um organismo **dispercentrico**;
- essa coincidência de processos espaciais e sociais, aparentemente de sentidos antagónicos, que parece ser típica e diferenciadora da

Características
da Cidade
da 3.ª era,
a Inforpolis:
Dispercentrica
Glocal
Dual

¹⁹ Sendo que, aqui, a referência ecológica tem três dimensões: a humana, e económica e a ambiental;

²⁰ Refira-se que esta dicotomia “morte das cidades / renascimento do tema da cidade” já vem dos anos 70 do século XX.

²¹ Mongin, 1995.

sociedade de informação, alia-se ao já, repetidamente referenciado mas não menos presente, fenómeno de **Glocalização** e que molda o carácter **glocal** desta cidade;²²

- por fim, a bifurcação transversal de toda a sociedade provoca um fenómeno da **Dualização**,²³ que se torna espacial e socialmente mais visível e agudo na cidade, que se transforma assim num organismo **dual**;²⁴

A questão-chave sequencial que deriva desta percepção das características mais marcantes da *cidade da «terceira era»* é, assim, a de **conhecer qual o produto espacial (ainda uma forma urbana?) que emana da sociedade de informação**. Isto é, procurar saber se esse *produto* (face aos extraordinários fenómenos assinalados que sublinham a emergência de um novo paradigma civilizacional) pode ser ainda pensado, governado, limitado e planeado como se de uma forma urbana se tratasse.

2.ª questão-chave: a *Infopolis* ainda é um organismo urbano?

Deste modo, e perante o desbordamento triunfalista do mundo urbano, o sistematicamente anunciado esgotamento de um produto espacial reconhecido como a **cidade industrial** (e mesmo em certa medida a cidade pós-industrial terciária) definidora dos limites do mundo urbano associado à noção de urbanidade, transposta um paradoxo cuja subsistência ou superação se torna crucial para o desenvolvimento do rumo na forma de conceber, limitar, planear e governar as *idades*: **a exclusividade e totalidade do triunfo urbano carregam em si mesmo o fim da dimensão urbana da Cidade (?)**.²⁵

²² Sendo que este conceito é partilhado por outros ramos do conhecimento.

²³ Sendo que este conceito é igualmente partilhado por outros ramos do conhecimento.

²⁴ Desiludidamente verifica-se que as novas tecnologias ligadas às telecomunicações e à transmissão de informação *acentuam tudo*.

Focalizando: o mundo urbano triunfa onde se estabelecem alianças com a *boa imagem das cidades de ontem* - tanto a industrial como a pré-industrial. Ou seja, quando um determinado modelo esgotado (e muitas vezes desprezado) de cidade morre é precisamente quando essa cidade triunfa no imaginário cultural-consumista, estabelecendo-se desde logo um regime de comparação entre a “boa cidade dos velhos tempos” perante a “selvajaria e a barbárie” dos centros urbanos pós-industriais.

Assim, as partes de cidade que se cristalizem com base em nostálgicos modelos industriais, e principalmente pré-industriais, exerce um fascínio que valoriza essas partes, transformando-as no “urbano bom” perante o “pobre território em redor”.²⁶

²⁵ Pode assim fazer-se fé sobre a actualidade das propostas de Robert Park quando (e não só ele refira-se) defendia a noção de que - e falando da cidade e da sociedade - *o que se diz sobre uma parece poder dizer-se cada vez mais sobre a outra* (Park, 1967).

²⁶ Sendo que essas “partes” são valorizadas segundo duas lógicas: i) pela mera utilização do território reconvertendo-o totalmente para satisfação de um determinado produto imobiliário; ii) pela assunção das suas características retocando-o de forma a ser assimilado como produto cultural;

A Cidade da complexa tripla-simultaneidade

Para todos os efeitos, a (im)possível concretização dessa *Cidade Bela* no início do século XXI, facto a que os arquitectos e os urbanistas não podem escapar escondendo-se atrás de actores políticos ou de agentes capitalistas, terá de incorporar a característica essencial da **tripla-simultaneidade** que marca **complexidade** do produto espacial e formal da *sociedade de informação, a cidade da 3.ª era, a Inforpolis*

A simultaneidade de três fenómenos, cada um deles com movimentos contraditórios:

Inforpolis:
marcada por
uma complexa
tripla-
simultaneidade

- da **dispercentração** – dispersão e concentração;
- da **glocalização** – globalização e localização;
- da **dualização** – consumo e ausência.

A Glocalização da Cidade

No âmago dessa simultaneidade complexa o produto espacial e social desta sociedade incorpora em si um duplo movimento:

- a criação de um espaço resistente à homogeneização do território com a (necessária?) composição da uma forma urbana diferenciadora;
- a assunção da *Inforpolis* como entidade de referência dominadora desse mesmo território e catalizador dessa homogeneização.

Este duplo movimento corresponde (e fazendo um esforço de síntese) às grandes interrogações e urgências contemporâneas latentes: na arquitectura - para a definição do rumo da resistente diferenciação; no urbanismo - para a definição do rumo da dominância territorial.

A emergente criação da *Inforpolis* como produto espacial derivado da *sociedade de informação* está assim indissociavelmente dependente dessa dupla urgência:

- Arquitectónica, de resolver a equação de como «fazer o sítio»;
- Urbanística, de resolver a equação de como «dominar o sítio e o território»

3.ª questão-chave:
a cidade
glocal coloca a
urgência de
«resolver o
sítio»

A Dispercentração da Cidade

Alguns cenários de futurologia urbana anunciavam (e anunciam) mesmo o fim das grandes concentrações urbanas por via da difusão generalizada das novas tecnologias de informação e das telecomunicações, que proporcionariam a dispersão generalizada do emprego.²⁷

Para além de esses cenários não se terem concretizado (por enquanto, no início do século XXI) verifica-se que a tendência aponta para que o desenvolvimento dessas novas tecnologias provoque o reforço da concentração urbana, sendo que a mera difusão e aplicação dessas tecnologias não faz recuar nem a necessidade - nem o desejo - de aglomeração por parte dos indivíduos e das empresas.²⁸

Este cruzamento entre necessidade e desejo, provoca, por exemplo, problemas de transporte e de circulação (terrestre e aérea) que se intensificaram por via da concorrência de quatro fenómenos:²⁹

- A desregulação dos horários de trabalho, mas também dos tempos do lazer e do consumo;
- A necessidade de serviços de patamares de inovação tecnológica cada vez mais elevados – mas ainda assim raros - leva a uma maior concentração;
- A possibilidade de desregulação e de disseminação dos postos de trabalho originando assim novos e dispersos circuitos de circulação física;
- O distanciamento e o isolamento espacial e social que provoca o incremento de estímulos de contacto social.

²⁷ Esse mito da dispersão gradual, generalizada e sistemática já se tinha verificado, pelos menos, duas vezes: com a difusão do telefone e com a popularização do automóvel.

²⁸ Torna-se decisivo não descurar os possíveis conflitos sócio-económicos que poderão advir da não correspondência entre a acentuada volatilidade do emprego e a, ainda assim, em comparação, persistente estabilidade residencial. Esta contradição (mais marcante ainda assim na Europa do Sul) é já, ela própria, um factor decisivo para o planeamento do território e das cidades

²⁹ Esta concorrência de fenómenos acarreta extremas dificuldades na percepção, estudo e avaliação dos níveis de circulação física, com os consequentes problemas na ponderação e definição, por exemplo, de políticas de transporte ou do preenchimento da rede de equipamentos e que são cruciais no planeamento e gestão *das cidades*.

Assim, acompanhando a evidência da dominância do *Reino do Urbano* deverá acentuar-se essa simultaneidade dos dois processos: de concentração do poder num número cada vez menor de *Grandes Cidades* e a dispersão daquele *Reino* nas suas dimensões espaciais e sociais por todo o território, isto é a *metapolização* do território.

Neste sentido, e tendo em conta este processo de Dispercentração, os dois grandes desafios estratégicos que se colocam às *Inforpolis* referem-se:

- À questão da *mobilidade física intra e inter-urbana*. Essa *Dispercentração* levanta sérios problemas quanto à própria eficácia e viabilidade desse tipo de sistema urbano-metropolitano;
- À questão da *sustentabilidade do próprio processo generalizado de urbanização e metropolização*, face ao paradoxo de este se alimentar dum excesso de recursos humanos e da escassez de recursos físicos.

4.ª questão-chave:
a cidade
dispercêntrica
coloca a
urgência de
equilibrar os
recursos

A Dualização da Cidade

Assumindo esse paradoxo da existência de um excesso de recursos humanos e escassez de recursos físicos atente-se na sequência da dupla-crise da cidade pós-industrial:

- A crise de representação social do espaço urbano provocada pelas fracturas sociais internas da *cidade*;³⁰
- A crise de sociabilidade e de urbanidade;

Esta dupla-crise ainda não resolvida pela(s) contemporânea(s) teoria(s) do urbanismo - nem pela(s) sua(s) aplicação(ões) urbanística(s) - ocorre precisamente no momento histórico em que emerge de forma decisiva uma batalha económica global, em que as

³⁰ Crise essa relacionada com a metamorfose do significado e das referências sociais e espaciais associados ao sistema de espaços públicos, que perdem o seu sentido primordial de comunicação e de ligação entre a *cidade* e os seus cidadãos. Neste sentido, a propagandeada morte das cidades limita-se (e confunde-se) muitas vezes com a simples alteração do significado do sistema de espaços públicos e/ou da estrutura da propriedade.

idades se tornam, simultaneamente, nos “*teatros de guerra*” por excelência e nos principais recursos dessa mesma batalha.³¹

No âmago dessa batalha político-económica clássica decorre, em simultâneo, uma espécie de guerrilha económica e social – mas com incidências urbanas excepcionais – protagonizada pela sistemática “invasão” da *fortaleza ocidental* pelos deserdados do sul.³²

Em paralelo com esta “invasão”, os milhões de deserdados (os sub-empregados, os inadaptados, os velhos, etc...) unidos, ou confrontando-se em barricadas diferentes com estes migrantes, poderão vir facilmente a tornar-se em verdadeiros exércitos de infelizes e frustrados e que marcam essa característica extrema da *dualização da cidade*.³³

Esta progressiva diferenciação entre *os que têm* e *os que não têm* - qualificações, emprego, segurança, capacidade de *prosumo*³⁴ - dá corpo à acentuação da *Inforpolis* como uma *Cidade Dual*, o que coloca a questão de se saber se será lícito, a partir dessa realidade, entender como legítima a implementação de administrações diferenciadas.

5.ª questão-chave:
a cidade *dual*
coloca a
urgência da
legitimidade
da
administração
democrática e
capitalista

³¹ Poderão enunciar-se, exemplificativamente, as novas regras da O.M.C., a emergência do quarteto BRIC (Brasil, Rússia, Índia, e o protagonista do presente, a China) e a surda competição entre a UE e os EUA, como as personagens cruciais dessa batalha.

³² Sendo que, para manter a *performance* económica (que sustente o estado social e os patamares de consumo) e até a capacidade de regeneração demográfica, por exemplo, os países da União Europeia deverão integrar no sua seio, e nas três primeiras décadas do século XXI, milhões de cidadãos (cidadãos = trabalhadores + contribuintes + consumidores) vindos dos países exteriores à União.

³³ Esse *teatro de guerra* formata-se desde cenários futuristas esteticamente fascinantes (mas ainda assim diabolizantes) tipo *Blade Runner*, ou, de diferente matriz, *O Ódio*, até visões redutoras e simplistas do universo publicitário e/ou da indústria mediática e do entretenimento assentes numa imagem irreal da sistematização banal da violência, passando pela normalização da violência e do conflito como produto noticioso e/ou de entretenimento de êxito garantido.

³⁴ *Prosumo*: diminuição da distância entre produção e consumo.

2.ª Linha de Resolução: como é ? onde é ? quem é ?

Parte 3: Conceber, delimitar, planear e governar a *Inforpolis*

Retomando: qual a legitimidade da gestão e do planeamento que são executados em toda e para toda a *Cidade* somente por aqueles que residem na *face visível* da mesma?

Todas estas questões podem – podem - traduzir-se numa impossibilidade. A **impossibilidade da aplicação genérica, universal e progressista de princípios de justiça social na *Cidade***. Neste contexto, as operações das forças do mercado – financeiro, fundiário, laboral, cultural, mediático...- que induzem, cada um deles, e no seu conjunto, a concepções político-sociais muito particulares assumem-se, eles próprios, como os guias do processo urbano e conseqüentemente como determinantes do modo de concepção, de planeamento e de governo da *cidade*.

Decorrente da percepção da dominância da já referenciada triplasimultaneidade complexa – de fenómenos contraditórios de *glocalização*, *dispercentração* e de *dualização* da *Cidade* – recordem-se as questões-chave subseqüentes e correspondentes:

- a urgência arquitectónica e urbanística de «resolver o sitio e o território»;
- a (in)capacidade de sustentabilidade ecológica do sistema urbano;
- a (im)possibilidade de extensão de uma administração estatal igualitária a toda a *Cidade*;

o (não) sitio, a (in)sustentabilidade ecológica e a (i)legitimidade da administração

Neste contexto, interessa sobretudo determinar – recuperando as duas primeiras questões-chave sequenciais já aqui enunciadas - se esse novo produto espacial - a *Inforpolis*:

- se consegue pensar, delimitar, planear e governar, à luz do paradoxo que resulta de um esmagador *triunfo urbano* que, na sua

Quais a(s) capacidade(s) e a essência (não) urbana da *Inforpolis*

voragem, acarreta um triplo-fim: *da história, da cidade e do estado*;

- e se, perante este paradoxo, pode ser ainda concebido, limitado, planeado e governado como se de uma forma urbana se tratasse.

Neste sentido torna-se licito questionar não só a aplicabilidade do planeamento territorial – e do urbanismo - aos novos produtos espaciais (eventualmente) *não urbanos*, como a própria legitimidade da administração pública, como extensão de uma entidade de regulação hierárquica política (a federação, o estado, a região ou o município...) em exercer, o direito - e o dever - de planear e gerir o (qual?) território.

A dupla oscilação

Destas dúvidas resulta uma dupla oscilação:

- A **oscilação político-urbanística**: do próprio conceito de *Cidade* da Sociedade de Informação (*Inforpolis*) e do conceito do *Governo* dessa Cidade
- A **oscilação instrumental/operacional**: do conceito de *Plano* da Cidade e o conceito de *Fronteira* da Cidade.

As oscilações
políticas,
urbanísticas,
instrumentais
e operacionais
da
Inforpolis

Parecendo superados os sintomas redentores do modernismo que poderiam possibilitar a abertura do espectro de alternativas para se encontrar uma (nova) ideia de *Cidade* e (uma nova) ideia de como a governar, estes sintomas redutores a constrangedores reaparecem, escondidos em subtilezas de redimensionamento espacial e de híbridos cruzamentos discursivos que cerceiam, logo à partida, a abertura do espectro de alternativas.

No entanto, nunca se deverá perder de vista que não existe uma via única de trilho da propalada globalização do sistema capitalista, não por razões de (outras) escolhas político-económicas (que parecem até

nem existir no horizonte) mas pela simples razão de que a própria noção de capitalismo poderá ser excepcionalmente alterada com a (e na) vigência da *sociedade de informação*.

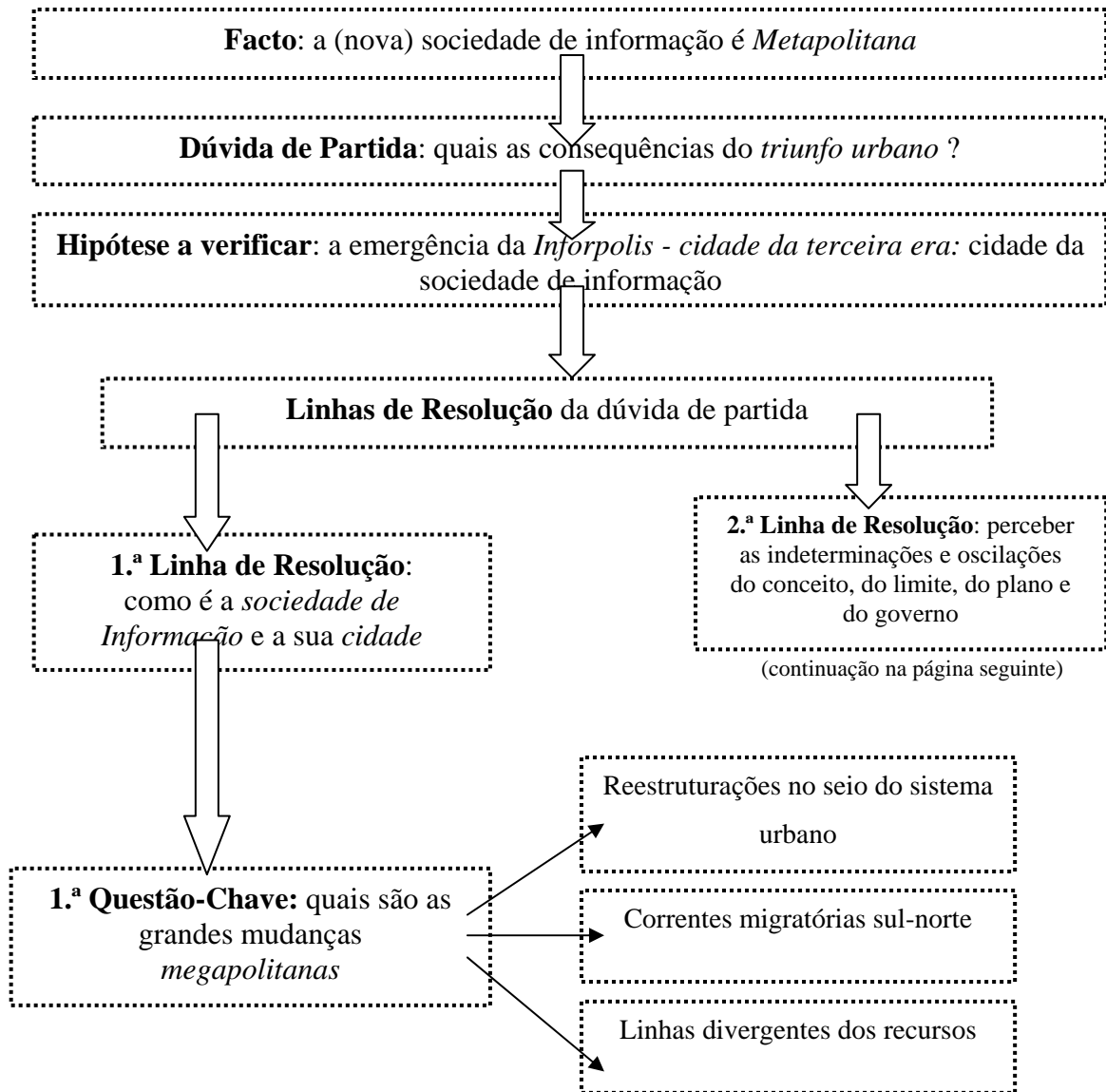
Alteração (eventual) essa que advém:

- da **imprevisibilidade** - do rumo da *simultaneidade complexa* e ³⁵
- da **previsibilidade** - da *ruptura ecológica*, tanto ambiental como social.

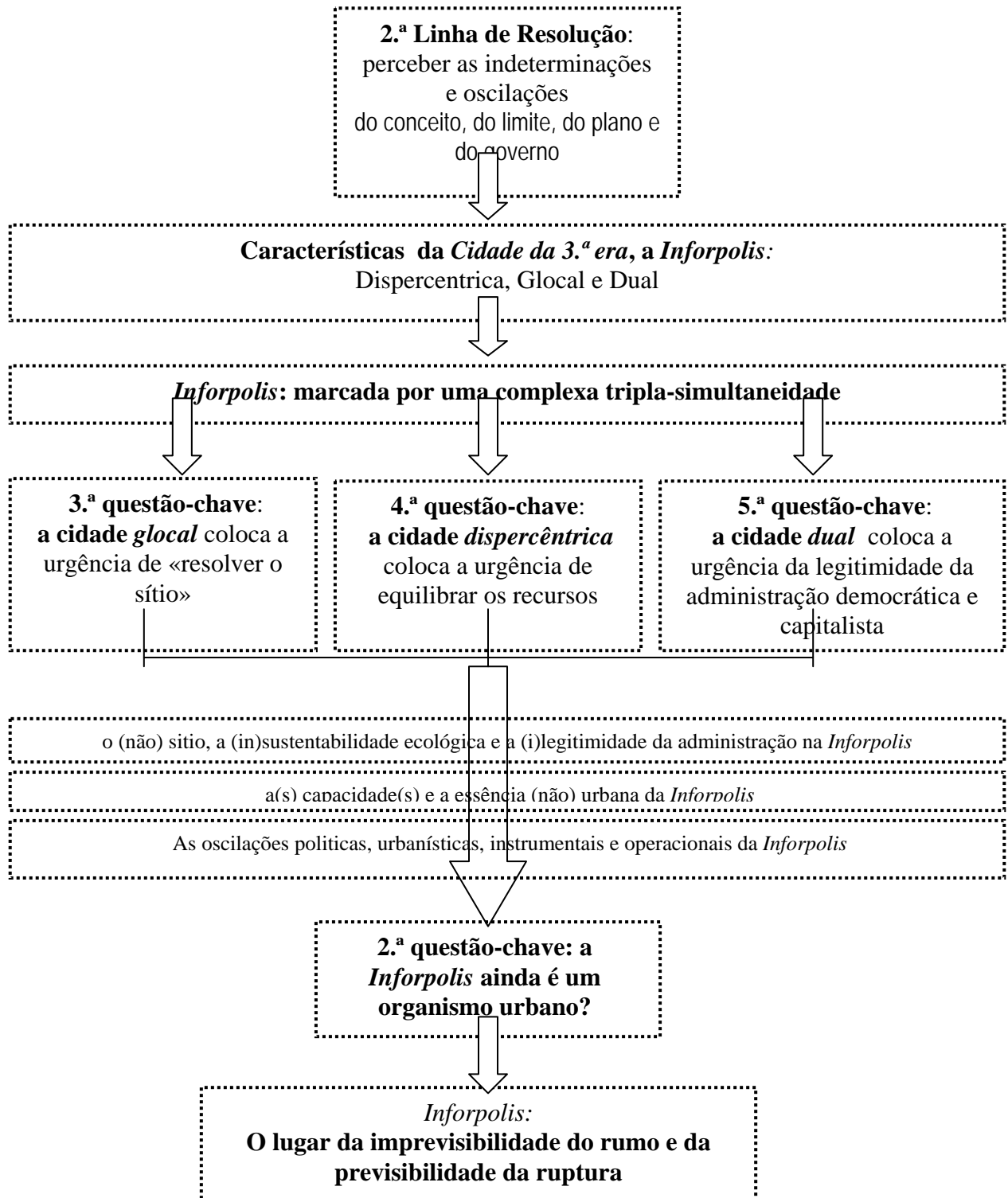
**Inforpolis:
O lugar da
imprevisi-
bilidade do
rumo e da
previsibilidade
da ruptura**

³⁵ Complexa Simultaneidade: desenvolvimento cruzado de fenómenos que originam a *Dispercentração*, a *Glocalização* e a *Dualização* das Cidades.

SÍNTESE E CONCLUSÕES (?)



(retomando e continuando a página anterior)



A (nova) *Sociedade de Informação* é marcada pelo triunfo urbano. Mas um triunfo total e exclusivo que se caracteriza pela *Metropolização* do território.

Dessa *Sociedade de Informação* emerge uma «cidade da terceira era» - enfaticamente tomando a presunçosa denominação de *Inforpolis* – marcada por três mudanças profundas que a distinguem das «cidades das outras duas eras»: as drásticas reestruturações no seio do próprio sistema urbano, as excepcionais correntes migratórias e as linhas divergentes de recursos (escassez de recursos naturais *versus* abundância de recursos humanos).

Estas profundas mudanças corporizam-se na caracterização da *Inforpolis* como um **produto espacial simultaneamente: Dispercêntrico** (dispersão *versus* concentração), **Glocal** (globalização *versus* localização) e **Dual** (consumismo *versus* incapacidade).

Essa tripla simultaneidade que, por sua vez, incorpora processos divergentes e contraditórios, mas também eles simultâneos, e que se cruzam nessa definição espacial que é a *Inforpolis*, tornam esta «cidade da terceira era» **no palco de uma complexa tripla-simultaneidade** que origina oscilações quanto à sua própria concepção, quanto aos seus limites, quanto ao seu planeamento e quanto ao seu próprio governo.

Assumindo esta situação a *Inforpolis* torna-se assim num sítio em que são de tal forma **perceptíveis as suas rupturas** (tanto que elas são sistematicamente anunciadas) e em que a **imprevisibilidade do rumo é de tal forma latente** (em face do fantástico cruzamento de processos) que, provavelmente, o actual paradigma tecnológico/civilizacional não é capaz de conceber, limitar, planear e governar a *Inforpolis*. Tomando por certa esta probabilidade, isto significaria que a *Inforpolis* é **indeterminável, e ingovernável**. Ou seja, que, segundo o nosso actual paradigma não sabemos, não podemos, cuidar das *nossas cidades*.

Mas, provavelmente, o problema não está na incapacidade civilizacional (que seria uma frustração sem fim) mas sim na definição do sítio. Isto é, esta incapacidade torna-se evidente quando o sítio/Inforpolis é definido e abordado como sempre foram abordadas as *nossas cidades*: como organismo urbanos.

Provavelmente (sublinhe-se a probabilidade e não a certeza) esta «cidade da terceira era» já não é uma destas *nossas cidades* porque, provavelmente, a *Inforpolis* já não é composta (ou não é só composta) por edifícios e espaços públicos, por cheios e vazios, por público e privado, por dentro e fora, por novo e velho, por grande e pequeno, por caro e barato, por perto e longe, por feio e belo. Provavelmente a *Inforpolis* é (também) composta por outra matéria que, por não sabermos ainda definir, julgamos que é inconcebível, indeterminável e ingovernável.

Esta probabilidade encerra, todavia, um *drama cultural*: a *Inforpolis* já não seria, assim, um organismo urbano, um sítio. Seria outra coisa.

E, assim sendo, as *nossas cidades* já não seriam *cidades* ?

E, assim sendo, continuariam a ser *nossas* ?

Lisboa, 15 de Julho de 2005

Luís Sanchez Carvalho

Referências Bibliográficas:

- AAVV (2004). *Lo Urbano en 20 autores contemporâneos*. Ángel Martín Ramos ed. ETSAB, Edicions UPC, Barcelona.
- AAVV (2004). *Connection, the changing status of the city, of architecture of urbanism*. Actar, Barcelona.
- AAVV (2003). *The Metapolis, dictionary of advanced architecture*, coordination Susana Cros. Actar, Barcelona.
- AAVV (1997). *Town Planning into the 21st Century*, edited by Andrew Blowers and Bob Evans. Routledge, New York.
- Ascher, Francois (1995). *Metapolis, acerca do futuro da Cidade*. Celta Editora, Oeiras.
- Castells, M. (2003). *O Fim do Milénio*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- CPMR (2002). *Study on the Construction of a Polycentric and Balanced Development Model for the European Territory*. Coordination Rui Azevedo and Philippe Cichowlaz. MCOTA /DGOTDU, CRPM, DATAR, Ministério del Medio Ambiente, Kommunal-og- Regionaldepartemenet.
- Galbraith, John Kenneth (1987). *Anatomia do poder*, Difel, Lisboa.
- Graham, S. and Marvin, S. (2001). *Telecommunications and the city – electronic spaces, urban places*. Routledge, London.
- Hall, Peter e Ulrich, Pfeiffer (2000). *Urban Future 21. A global agenda for twenty-first century cities*. E&fn Spon, London.
- Harvey, D. (1989). *The Condition of Postmodernity*, Oxford, Blackwell.
- Magnet, Myron (2001). *Paradigma Urbano – as cidades do novo milénio*. Quetzal Editores, Lisboa.
- Mongin, Oliver (1995). *Vers la troisième ville?*. Hachete, Paris.
- Nijkamp, Peter (1992). “Towards a Network of Regions: The United States of Europe” in **European Planning Studies**, Vol. 1, Nº 2 1993, p 149-168.
- PNUD (2001). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2001 – Novas Tecnologias e Desenvolvimento Humano*. Trinova Editora, Lisboa.
- PNUD (2004). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2004 – Liberdade cultural num mundo diversificado*. Editora Mensagem, Lisboa.
- PNUD (1994). *Relatório do Desenvolvimento Humano, 1994*. Tricontinental Editora, Lisboa.
- Rossi, Aldo (1985) *La Arquitectura de la Ciudad*. Gustavo Gilli, Barcelona.
- Sassen, Saskya (1991). *The Global City - New York, London, Tokyo*. Princeton Un. Press, New Jersey.
- Scott, Allen J. (1994). “A economia metropolitana” in **As Regiões Ganhadoras - distritos e redes os novos paradigmas da geografia económica**, organizado por G. Benko e A. Lipietz, Celta, Oeiras.
- U.N.C.H.S. (2001). *Cities in a globalizing world. Global report on human settlements 2001*. Earthscan Publications, New York City.
- UNECE. (2005). *Trends in Europe and North América, 2005*. Yearbook UN, Geneva.

Índice de Quadros e Figuras:

Quadros

Quadro Ia: Tendências Demográficas 1975-2015

Quadro Ib: Cidades no Tempo

Quadro Ic: Rendimentos Comparados no ano 2000

Quadro II: Projecções mundiais para o ano 2040